

# A cannabis deve ser legalizada?

Por Tiago Cavalcanti

*Valor*, 05/02/2020

**Pelos critérios de grau de dependência e efeitos à saúde dos usuários, o álcool apresenta maior risco que a maconha**

---

Cresci nas ladeiras do centro histórico de Olinda, Pernambuco, reconhecida pela Unesco como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade. A cidade é marcada não só por suas lindas paisagens e arquitetura colonial, mas também por ser um lugar liberal e de forte expressão popular. Frevo, maracatu e outras manifestações do povo estão sempre presentes nas ruas da chamada Marim dos Caetés.

Em 1975, muito antes do movimento global para a legalização da cannabis tomar força, o bloco carnavalesco “Segura a Coisa” foi fundado e até hoje sai às 23:59 toda quarta-feira de cinzas, esfumaçando as ruas. Quando morava lá, o “Segura a Coisa” passava na frente da nossa casa. A polícia pouco se preocupava com o gozo anárquico das multidões “puxando fumo”.

O estandarte do bloco tem a folha da cannabis desenhada e o hino com muita musicalidade composto por Miúcha faz, de certa forma, uma apologia à maconha: “...O Bumba batendo; Levantando a fumaça; É o bloco cantando; Contento com a massa...”

Seja andando em Olinda, São Paulo, Cambridge, ou em diversas cidades do mundo, é possível sentir nas ruas o cheiro da maconha. Apesar disso, a cannabis está longe de ser legalizada no Brasil, Reino Unido e em outros países, apesar de agora já estar legalizada, por exemplo, em 10 Estados americanos mais Washington DC para uso recreativo e em 21 Estados para uso medicinal, além de Canadá e Uruguai. Já que a maconha é consumida em vários lugares mesmo sendo ilegal, a pergunta que se faz é se devemos ou não legalizar o uso dessa planta.

Sem dúvida, o consumo de drogas é seríssimo problema de saúde pública. Não só as proibidas, mas também as que são legais e prescritas pelos médicos. Os Estados Unidos, por exemplo, enfrentam uma epidemia de overdoses de opiáceos (mesma substância encontrada na heroína) e opioides, que são drogas legalizadas que combatem a dor (metadona e morfina) e precisam de prescrição médica, causam extrema dependência e cujo uso pode levar a morte.

Segundo dados oficiais do governo americano, a taxa de mortalidade de overdose de opioides nos EUA foi de cerca de 9 por 100 mil habitantes em 2017, correspondendo quase à metade da taxa de mortalidade por overdose de todas as drogas no país. Só para nível de comparação, essa taxa de mortalidade americana por opioides é maior do que a atual taxa de assassinatos por 100 mil habitantes na cidade de São Paulo.

Uma análise científica sobre os danos causados por diferentes drogas pode servir como base para a decisão de legalizar ou não algumas substâncias. Um dos estudos mais citados sobre o assunto, é o trabalho do neurocientista David Nutt, do Imperial College de Londres, com colaboradores publicado em 2010 pelo prestigioso periódico científico *Lancet*. Neste estudo, os cientistas classificam 20 drogas de acordo com seu potencial viciante e pelos danos que podem causar aos dependentes e pessoas indiretamente afetadas pelo uso das drogas.

Segundo tal estudo, as drogas que apresentam maior risco à saúde física e psicológica dos usuários são o crack e a heroína. Entre as 20 drogas avaliadas, o álcool é a quarta mais perigosa para a saúde dos usuários e a maconha está, neste critério, na oitava posição. Usando apenas o parâmetro de grau de dependência, a maconha é menos perigosa e tem taxa de mortalidade mais baixa do que o álcool. Consequentemente, pelos critérios de grau de dependência e efeitos à saúde dos usuários, o álcool apresenta maior risco que a maconha.

O estudo aponta ainda o álcool como a droga que pode afetar mais negativamente os familiares dos dependentes (ex., violência doméstica e problemas financeiros) e os não usuários (ex., acidentes rodoviários). No entanto, é difícil essa comparação já que o álcool é uma droga legal e amplamente usada, ao contrário da maioria das outras drogas.

E quais foram os efeitos da legalização da cannabis sobre o crime, seu uso e consumo de outras drogas?

Em relação à violência, estudo recente sobre o tópico publicado no *Justice Quarterly* em 2019, comparando antes e depois da legalização vários índices de criminalidade no Colorado e em Washington com outros Estados onde o consumo dessa droga continuou ilegal, mostra que a legalização não teve qualquer efeito sobre vários índices de criminalidade. A maioria dos estudos não apresenta efeito causal da legalização sobre o crime.

Os estudos sugerem que a legalização da cannabis aumentou o seu uso entre as pessoas adultas com idade acima de 21 anos, mas notou-se uma redução no consumo por parte de adolescentes. Em relação ao uso de outras drogas a experiência americana sugere que a legalização não aumentou o consumo de álcool e reduziu significativamente casos de overdose de heroína e opioides. Portanto, a experiência americana não sugere uma explosão do uso da maconha e outras drogas após a legalização da cannabis.

Sidarta Ribeiro, neurocientista brasileiro, diretor do Instituto do Cérebro da UFRN e autor do excelente livro “Oráculo da Noite”, ressalta a importância de entender os efeitos positivos e negativos do uso da cannabis. Há alguns efeitos psicoativos da maconha que são benéficos, por exemplo, no tratamento da dor, estimulam o apetite em pacientes com câncer e ajudam a evitar crises epiléticas. Há também perigos com o uso da cannabis, ligados com a depressão. Sidarta Ribeiro é enfático ao afirmar que esse é o caso de outros remédios, que também trazem benefícios, mas que podem ter efeitos colaterais e causarem dependência, como os opioides.

Há diversos interesses econômicos e comerciais relacionados com a legalização da maconha. Existem também preconceitos em relação aos usuários desta droga, diferentemente do uso do álcool, que é praticamente estimulado dentro de nossa sociedade. É importante salientar que o objetivo deste artigo não é incentivar o uso da cannabis. Ao contrário, o propósito é discutir os possíveis efeitos da legalização da maconha sobre o crime e o uso de outras drogas. Me parece que, se a base de comparação for o álcool como droga recreativa, o movimento de legalização da cannabis tem base científica e empírica.

Tiago Cavalcanti é professor de economia da Universidade de Cambridge e da FGV-SP